

DISCURSO E INSTRUMENTOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL: DOS RELATOS DE VIAJANTES AOS PRIMEIROS DICIONÁRIOS *

José Horta NUNES

RESUMO *Mostra-se a formação de um discurso sobre o léxico no Brasil, com a instrumentação dos primeiros dicionários bilíngües e monolíngües. Através da leitura de um corpus de relatos e dicionários, procura-se evidenciar as formas lingüístico-discursivas que constituem os enunciados lexicográficos. Traça-se uma história da lexicografia brasileira, levando-se em conta instituições, acontecimentos e teorias, bem como o estabelecimento de uma língua nacional. Os incícios de um saber lexicográfico são apontados em relatos de viajantes, desde o século XVI, onde aparecem comentários dispersos sobre elementos lexicais e formam-se domínios temáticos. Nos dicionários bilíngües português-tupi/tupi-português, feitos por missionários jesuítas, explicita-se um saber sincrônico que inclui reflexão gramatical e enunciação da discrepância entre palavras e coisas. No século XIX, analisa-se a produção e edição de dicionários bilíngües através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Por fim, analisam-se enunciados definidores nos primeiros monolíngües do português, incluindo-se, no Brasil, dicionários de regionalismos, de complementos e de brasileirismos.*

RESUME *On montre la formation d'un discours sur le lexique au Brésil à travers la production des premiers dictionnaires bilingues et monolingues. On présente une histoire de la lexicographie brésilienne, considérant des institutions, des événements, des théories et l'établissement d'une langue nationale. Les origines d'un savoir lexicographique sont indiquées dans des rapports de voyageurs, à l'époque coloniale, où émergent des commentaires ponctuels sur les éléments lexicaux et s'organisent des domaines thématiques. Dans les dictionnaires bilingues Portugais-Tupi/Tupi-Portugais, élaborés par les jésuites, on explicite un savoir synchronique qui enferme réflexion grammaticale et énonciation de l'écart entre mots et choses. À l'époque impériale, on examine la production et l'édition de dictionnaires bilingues promues par l'Institut Historique et Géographique Brésilien. Finalement, on analyse des énoncés définitionnels dans les premiers monolingues du Portugais, y compris les dictionnaires de régionalismes, de compléments et de brésiliennismes.*

* Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 28/08/96, sob orientação da Prof. Dra. Eni Puccinelli Orlandi.

Vamos nos resumir neste artigo a indicar os objetivos da tese, apresentar o *corpus*, explicitar brevemente os procedimentos metodológicos e mostrar os principais resultados da análise.

A tese traz uma contribuição para o projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil, um projeto de colaboração entre a Unicamp e a Universidade Paris 7, que visa estudar a história da constituição de um saber metalingüístico no Brasil, tendo em vista sobretudo a elaboração de instrumentos lingüísticos como gramáticas e dicionários. Busca-se evidenciar o papel de teorias, instituições e acontecimentos ligados à produção de saber lingüístico. O objetivo é também o de compreender a história da formação de uma língua nacional no país.

O presente trabalho concerne à história dos dicionários no Brasil. Quando e como foram elaborados os primeiros dicionários, com que finalidades práticas, por quais instituições, segundo que orientações teóricas? Quais as conseqüências da inserção e da circulação deles no meio multilíngüe brasileiro? Como se constituíram os sujeitos e os discursos lexicográficos?

Distinguimos os seguintes períodos da lexicografia brasileira, que foram tratados cada um em um capítulo da tese:

1. Os inícios de um discurso sobre o léxico em relatos de viajantes da época colonial. Aparecem nos relatos comentários pontuais sobre elementos lexicais e formam-se verbetes organizados tematicamente.

2. A produção de dicionários bilíngües (português-tupi/tupi-português) por missionários jesuítas também na época colonial.

3. A produção de dicionários bilíngües (português-línguas indígenas) na época imperial, especialmente por membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

4. O aparecimento do primeiro dicionário monolíngüe da língua portuguesa e, em seguida, de uma produção brasileira que compreende: dicionários de regionalismos, dicionários de complemento aos dicionários de língua portuguesa, dicionários de termos literários, dicionários de termos técnicos e dicionários de brasileirismos.

O quadro teórico alia o campo da análise de discurso ao do estudo da história das idéias lingüísticas. Foi nesse intervalo teórico que desenvolvemos os procedimentos metodológicos. O conceito de *interdiscurso* (Pêcheux 1988) foi mobilizado para se analisar a formação de uma memória lexicográfica no Brasil e para se examinar as formas discursivas dos dicionários. O conceito de *gramatização* (Auroux, 1992), que é o processo que conduz a descrever e instrumentar uma língua através do dicionário e da gramática, foi trabalhado com relação ao caso brasileiro: gramatização das línguas indígenas, da língua portuguesa e do português do Brasil. Utilizamos recursos teóricos e metodológicos desenvolvidos por Eni Orlandi (1987, 1988, 1990, 1992, 1996, entre outros) em análise de discurso, particularmente com respeito ao conceito de *silêncio* (1992) e a análises de discursos de viajantes e missionários e de discursos sobre as línguas no Brasil. Empregamos ainda procedimentos metodológicos de Collinot e Mazière (1987) e Mazière (1986, 1989, 1990, entre outros), que propõem uma leitura discursiva dos dicionários.

Nos relatos de viajantes, o objetivo foi o de analisar, nos discursos sobre a terra e os habitantes, a formação de domínios lexicográficos considerando-se o jogo entre as formas narrativas, descritivas e dialogais, assim como os mecanismos enunciativos que essas formas colocam em cena.

Com relação aos dicionários, optamos por analisar os verbetes da letra P. Ao escolhermos os verbetes de uma letra, qualquer domínio temático do dicionário pode estar nela incluído. Isso permite que se analise a distribuição das formas discursivas nesse conjunto, observando-se como cada domínio temático significa em relação aos outros. Pode-se com isso ter uma visão geral da estrutura do dicionário através da análise dos verbetes de uma letra.

Em cada etapa de análise mostramos o modo de constituição dos enunciados lexicográficos, sejam eles descritivos, explicativos, etimológicos ou definidores. A variação das formas discursivas é o que nos permitiu explicitar as posições sustentadas pelos lexicógrafos. Utilizamos também procedimentos de leitura de arquivo, que levam em conta os diferentes gestos de interpretação que envolvem a produção dos dicionários. Examinamos prefácios e analisamos a formação de redes de paráfrase na elaboração, compilação e edição das obras.

1. RELATOS

VIAJANTES		
1500	<i>A Carta de Pero Vaz de Caminha</i>	Pero Vaz de Caminha
1555	<i>Duas viagens ao Brasil</i>	Hans Staden
1578	<i>Viagem à terra do Brasil</i>	Jean de Léry

MISSIONÁRIOS		
1560	<i>Carta de São Vicente</i>	José de Anchieta
1583	<i>Tratados da terra e gente do Brasil</i>	Fernão Cardim
1663	<i>Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil</i>	Simão de Vasconcelos

COLONOS		
1576	<i>História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil</i>	Pero de Magalhães de Gândavo
1587	<i>Tratado Descritivo do Brasil</i>	Gabriel Soares de Sousa
1618	<i>Diálogos da grandeza do Brasil</i>	Ambrósio Fernandes Brandão

NATURALISTAS		
1648	<i>História Natural do Brasil</i>	Jorge Marcgrave

Os viajantes e os colonos são precursores de um saber lexicográfico brasileiro. Nos primeiros narradores, irrompem comentários lexicais que começam a trabalhar a relação entre palavras e coisas. Visa-se interpretar a realidade brasileira e informar para colonizar. Os enunciados se caracterizam pelo primado da referência, que desencadeia uma série dispersa de explicações lexicais, no entrecruzamento entre línguas européias e indígenas, em sincronia e conforme o princípio da similitude. O sujeito lexicográfico se desdobra em várias figuras: a do oficial do Reino (cf. a análise da Carta de Caminha), que faz irromper processos de denominação em um discurso de posse e de indicação das riquezas; a do viajante aventureiro (análise de Hans Staden), que se representa nas cenas geopolíticas de contato, identificando sujeitos, lugares e coisas brasileiras na confrontação com o mundo; a do colono fazendeiro (análise de Gabriel Soares de Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão), que introduz um discurso regional para o léxico, na administração rural e na história naturalizada da colônia; a do naturalista (análise de Jorge Marcgrave), que formula um discurso de processo natural sem sujeito para os domínios da fauna e da flora.

Na época colonial, a unidade geopolítica do país ainda não é fixada; o mesmo acontece com a unidade de língua. Mas com a sucessão dos relatos, começa a se estabelecer uma unidade para a chamada língua brasílica (hoje tupi), pela qual os missionários vão se interessar mais de perto.

2. DICIONÁRIOS BILINGÜES DA ÉPOCA COLONIAL

séc. XVI- XVII	<i>Vocabulário na Língua Brasílica</i>	manuscrito anônimo
1751	<i>Manuscrito do Dicionário Português- Brasílico</i>	manuscrito anônimo
1795	<i>Dicionário Português-Brasílico</i>	1ª edição, anônimo
1795	<i>Manuscrito do Dicionário Brasílico- Português</i>	Frei Veloso

Os jesuítas, ao realizarem a gramatização do tupi, produziram um saber sincrônico, conjugando léxico e gramática. Com a Companhia de Jesus, implanta-se uma política lingüística que concebe o léxico como instrumento de transformação social. Visa-se aprender o tupi com fins de catequese e colonização. Os dicionários jesuítas são bastante peculiares quanto à tipologia (dicionários fraseológicos) e à formulação dos verbetes. Percebe-se uma relação de intertextualidade entre o *Vocabulário na Língua Brasílica* e a *Arte* de Anchieta, de modo que o dicionário se apresenta como um lugar de reflexão gramatical. A estrutura dos verbetes é dominada por um enunciador tradutor intérprete que coloca em cena os locutores índios e europeus no contexto de uso. Os comentários incluem reflexões sobre partes do discurso, processos de nomeação, processos de referência, predicação, tradução e imaginário da conversação.

O século XVIII foi marcado por uma reviravolta na política lingüística. Os jesuítas foram expulsos em 1759. As medidas pombalinas incentivaram o uso do português e

combateram o uso do tupi e das línguas de contato. No final desse século, localizamos um acontecimento lingüístico importante: Frei Veloso publica, em 1795, o *Dicionário Português-Brasiliiano* e elabora nessa mesma época o *Dicionário Brasiliiano-Português*. Trata-se do início de um trabalho editorial com os manuscritos jesuítas: o *Dicionário Português-Brasiliiano* é editado com supressões de termos portugueses da língua geral, o que revela uma contenção da mistura de línguas. Enquanto isso, o *Dicionário Brasiliiano-Português* consiste em uma inversão da ordem português-tupi para tupi-português, ordem que será adotada para se mostrar a influência do tupi na formação do português do Brasil.

3. DICIONÁRIOS BILINGÜES DA ÉPOCA IMPERIAL

1826	<i>Dicionário da língua geral do Brasil (Poranduba Maranhense)</i>	Frei Prazeres do Maranhão
1852	<i>Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no alto Amazonas</i>	Gonçalves Dias
1858	<i>Dicionário da Língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil</i>	Gonçalves Dias
1859	<i>Chrestomathia da Língua Brazilica</i>	Ernesto Ferreira França
1863	<i>Glossaria Linguarum Brasiliensium.</i>	Karl Friedrich Philipp von Martius
1867	<i>O Selvagem</i>	General Couto de Magalhães
1872	<i>Vocabulário da Língua Geral Amazônica</i>	Charles Frederik Hartt
1879	<i>Vocabulário da Conquista Espiritual</i>	Batista Caetano
1887	<i>Poranduba Amazonense</i>	Barbosa Rodrigues

A produção bilíngüe tem continuidade com os trabalhos de intelectuais do Império ligados ao IHGB. Nesse contexto não interessa mais o aprendizado da língua indígena. Os manuscritos dos missionários são lidos, compilados e trabalhados em vista de uma história do Brasil e de uma história das línguas indígenas, que tomam o tupi como representante de um passado brasileiro. Enquanto viajantes e missionários produzem um conhecimento sincrônico, os lexicógrafos do Império introduzem uma dêixis histórica na formulação dos verbetes, um espaço-tempo que inclui diferentes estados de língua: de um lado, o tupi antigo; de outro, o português e as línguas gerais. Trabalhando noções evolucionistas, Frei Prazeres, com a *Poranduba Maranhense*, Gonçalves Dias, com o *Dicionário da Língua Tupi* e E. F. França, com a *Chrestomathia da Língua Brazilica*, estabelecem uma historicidade para as línguas brasileiras, colocando o tupi como ponto de origem e o português e as línguas gerais como ponto de chegada. Desenvolve-se nos dicionários uma etimologia que legitima esse processo. Ao lado do trabalho de arquivo, o IHGB promoveu expedições científicas que foram de encontro à diversidade de línguas. Nesse caso, há o predomínio das descrições naturalistas. Martius produz vocabulários de várias línguas indígenas que não o tupi antigo. Esse naturalista, que,

contrariamente aos intelectuais preocupados com identidade nacional, não vê motivos para se louvar o tupi, introduz uma hierarquia entre as línguas flexionais (aí incluído o português) e as língua aglutinantes (aí incluídas as línguas indígenas brasileiras), conferindo privilégio às primeiras. A palavra torna-se a medida para as comparações lingüísticas. A relação palavra-palavra domina os vocabulários termo a termo, em detrimento dos enunciados e das situações de uso.

No final do Império e início da República cresce a importância atribuída aos falares populares e à linguagem oral. Nesse momento, o léxico passa a se relacionar com a textualidade dos mitos e das conversações: um saber que inaugura os domínios da mitologia e do folclore. Surgem vocabulários e textos do tupi moderno e da língua geral amazônica, em contraste com o tupi antigo. Nota-se uma divisão entre os trabalhos que se voltam para o estudo das línguas indígenas (como os de Batista Caetano, sobre o tupi antigo; Couto de Magalhães, Frederico Hartt e Barbosa Rodrigues, sobre o tupi moderno; K. von den Steinen, sobre outras línguas indígenas) e os que, como os de Sívio Romero, estudam a influência dessas línguas na formação da língua nacional

4. DICIONÁRIOS MONOLINGÜES

DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA		
1712	<i>Vocabulário Português e Latino</i>	Rafael Bluteau
1789	<i>Dicionário da Língua Portuguesa</i>	Antônio de Moraes Silva

O primeiro dicionário monolíngüe do português irrompe com a publicação e as sucessivas edições do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva. Este dicionário, cuja primeira edição é de 1789, retoma o *Dicionário Português e Latino*, de Rafael Bluteau, de 1712, resumindo-o e instaurando a definição no dicionário de língua portuguesa. Eis um exemplo de recorte analisado, em que se percebe a paráfrase na forma de definição de um a outro dicionário:

BLUTEAU (1712)	MORAES (1789)
PÃO. Comum sustento dos homens, que consta de farinha amassada, e cozida ao forno; segundo Cassiodoro, <i>lib. 6 variorum</i> , o pão foi chamado assim de Pan, fabuloso Nume dos Pastores, que ensinou aos homens o modo de moer o trigo, amassar a farinha, e cozer o pão. Querem outros que este nome pão se derivasse do Grego <i>Pan</i> , que quer dizer <i>Tudo</i> , porque pão é alimento universal de todos, e com todo gênero de manjares se acomoda (...). <i>Panis, is. Masc. Cic.</i>	PÃO, s. m. A farinha dos pães, ou grãos cereais amassada com água, fermentada, dividida em porções, e cozida no forno.

Nota-se o deslocamento do dicionário etimológico ao dicionário de definição. Enquanto Bluteau indica as formas de nomeação e as origens das significações, Moraes

exclui esses comentários e se restringe à formulação da definição, que aparece ao modo da universalidade. Os cortes e acréscimos efetuados conferem novo sentido ao enunciado definidor. Em Bluteau, o “pão” tem a finalidade natural de sustentar os homens (“comum sustento dos homens que consta de”). Em Moraes, ele aparece como uma matéria-prima trabalhada, como um processo sem finalidade. (“farinha... amassada... fermentada... dividida... cozida).

Não vamos nos deter aqui no desenvolvimento das análises. Gostaríamos apenas de sublinhar que o procedimento foi o de explicitar as variações formais dos enunciados definidores. Um enunciado clássico de definição apresenta a seguinte forma, para retomar um exemplo de Mazière (1989): [N-Entrada: N-Cabeça (Adjetivo) (Particípio) (S. Prep.) (Relativa) (Circunstancial)], ou seja, “ave de quintal que se cria por causa de seus ovos”. O que está em jogo quando abordamos o *corpus* são as variações sintáticas que se estabelecem com a heterogeneidade das formas na relação entre os enunciados. É a partir dessas variações que podemos depreender o funcionamento discursivo das definições. Configura-se então uma rede de variações formais, a partir de relações de substituição, paráfrase, sinonímia. Essa rede é interpretada segundo os objetivos de análise.

Na passagem de Bluteau a Moraes, percebemos os seguintes deslocamentos nas formas de definição: passagem da propriedade natural do objeto para a matéria-prima trabalhada, passagem do modo de fazer artesão à descrição técnica do processo de fabricação, passagem da finalidade natural ao uso tecnológico, passagem do discurso religioso ao discurso jurídico, passagem do ponto de vista do produtor ao do consumidor. Com o dicionário de Moraes, o português passa a ter um instrumento lexicográfico representativo de língua nacional, que produz no Brasil um jogo especular desencadeador das produções nacionais.

Paralelamente aos dicionários de língua portuguesa, aparece no Brasil, durante o século XIX, um conjunto de dicionários que dividimos em dicionários de regionalismos, de complemento aos dicionários de língua portuguesa, de termos literários, de termos técnicos e de brasileirismos. Eis os textos analisados:

1852	<i>Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul</i>	Antônio Coruja
1853	<i>Vocabulário Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa</i>	Braz da Costa Rubim
1865	<i>Vocabulário pós-escrito de Diva</i>	José de Alencar
1888	<i>Vocabulário dos termos técnicos de construção naval</i>	Antônio Alves Câmara
1888	<i>Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa</i>	Antônio Joaquim de Macedo Soares
1889	<i>Dicionário de Vocábulos Brasileiros</i>	Visconde de Beaupaire-Rohan

Esses dicionários se caracterizam por apresentar definições com determinações locais e comentários etimológicos. O dicionário de Antônio Coruja estabelece uma definição de uso no campo, em que a figura do viajante e a do administrador rural fazem o campo falar pelas definições naturalizadas dos sujeitos e dos objetos. O dicionário de complemento de Costa Rubim configura, através das definições, uma representação nacional com base na indústria extrativista e na administração das fazendas. José de Alencar efetua um trabalho de legitimação estética dos termos literários diante de sua omissão nos dicionários de língua portuguesa. Alves Câmara, com seu dicionário de termos técnicos de construção naval, produz um discurso de universalização e automatização da produção em oposição ao contexto regional, em que prevalecem as atividades ritualizadas e as finalidades naturais dos objetos.

Por fim, os dicionários de brasileirismos realizam uma leitura dos dicionários já feitos no Brasil. Macedo Soares, ao incluir sujeitos sociais antes ignorados nos dicionários, como negros, mestiços, caboclos, figuras populares, instaura ao mesmo tempo uma desigualdade pelas formas de definição, que se caracterizam por uma adjetivação contrastiva que opõe as elites às camadas populares. Beaurepaire-Rohan, por sua vez, desenvolve uma definição de uso tecnológico, significando a sociedade pelas atividades econômicas e industriais.

Mostramos assim que os dicionários elaborados no Brasil apresentam uma historicidade própria. A constituição de um saber lexicográfico resulta de um processo de divisão das línguas, no jogo entre a unidade e a multiplicidade. Essa divisão se inicia na época colonial, com a separação entre o tupi e as outras línguas indígenas, e se estende até a época imperial e início da República, quando se estabelece um saber sobre a língua nacional. A consolidação de uma lexicografia de língua nacional só foi possível depois da elaboração de vários dicionários bilíngües e de uma produção monolíngüe que contrasta com a produção portuguesa. A variação das formas discursivas nesse conjunto de dicionários nos permitiu mostrar diferentes posições sustentadas pelos lexicógrafos na enunciação das significações lexicais.

BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

- AUROUX Sylvain (1989). **Histoire des idées linguistiques**. tome 1, Pierre Mardaga, Paris.
- _____. (1992). **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Editora da Unicamp, Campinas.
- _____. (1992). **Histoire des idées linguistiques**. tome 2, Pierre Mardaga, Paris.
- _____. (1996). **La philosophie du langage**. Presses Universitaires de France, Paris.
- AUTHIER-REVUZ Jacqueline (1995). **Ces mots qui ne vont pas de soi - Boucles réflexives et non-coïncidences du dire**. Larousse, Paris.
- COLLINOT A. & MAZIERE F. (1987). "Un prêt-à-parler: le Dictionnaire universel d'Antoine Furetière et sa postérité immédiate, le *Trévoux*. Une lecture du culturel dans le discours lexicographique". **Lexicographica**, 3, pp. 51-75.
- _____. (1990). "Les définitions finalisées dans le *Dictionnaire Universel* de Furetière et dans le *Dictionnaire de l'Académie*: où il est montré que l'hétérogénéité formelle des définitions a du sens". In: *La définition*, Actes du Colloque *la Définition*, organisé par CELEX (Centre d'Etudes du Lexique) de l'Université Paris-Nord, Larousse, Paris.

- GUIMARÃES Eduardo (1994). "Sinopse dos estudos do português no Brasil. In: **Relatos**, publicação do projeto História das Idéias Lingüísticas: construção de um saber metalingüístico e a constituição da língua nacional, DL-IEL-Unicamp.
- MAZIÈRE Francine (1986). "Le dictionnaire deshabillé par ses préfaces". **Lexique**, Presses Universitaires de Lille, pp. 33-45.
- _____. (1989). "O enunciado definidor: discurso e sintaxe". In: **História e sentido na linguagem**, Pontes, Campinas.
- _____. (1990). "les définitions finalisées dans le *Dictionnaire universel* de Furetière et dans le *Dictionnaire de l'Académie* - Où il est montré que l'hétérogénéité formelle des définitions lexicographiques a du sens. In: **La définition**. Actes du Colloque *la Définition*, organisé par CELEX (Centre d'Etudes du Lexique) de l'Université Paris-Nord, Larousse, Paris.
- _____. (1995). "Le Dictionnaire de l'Académie Française (1694): initiation d'une pratique normative". In: **Archives et documents**. Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences du langage, pp. 12-17.
- _____. (s.d.). "Les marques de *fabrique*. Marquage et marques du Furetière (1690) au dernier Trévoux (1771)". Mimeo.
- MILNER Jean-Claude (1987). **O amor da língua**. Artes Médicas Sul, Porto Alegre-RS.
- ORLANDI Eni Puccinelli (1987). **A linguagem e seu funcionamento**. Pontes, Campinas.
- _____. (1988). **Discurso e leitura**. Cortez/Editora da Unicamp, Campinas.
- _____. (1990). **Terra à vista**. Cortez: São Paulo/Unicamp: Campinas.
- _____. (1992). **As formas do silêncio**. Editora da Unicamp, Campinas.
- _____. (1993). "Vão surgindo sentidos". In: **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Pontes, Campinas.
- _____. (1994). "A natureza e os dados". In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, (27): 47-57, Campinas.
- _____. (1994). "A língua brasileira". In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, (23):29-36, Jan./Jun., Campinas.
- _____. (1996). **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Vozes, Petrópolis.
- PECHÉUX, Michel. (1981). **La langue introuvable**. François Maspero, Paris.
- _____. (1988). **Semântica e Discurso**. UNICAMP, Campinas.
- _____. (1990). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Pontes, Campinas.
- _____. (1990). **Por uma análise automática do discurso**. In: F. Gadet e T. Hak, (orgs.), UNICAMP, Campinas.
- RODRIGUES Aryon Dall'Igna (1993). "Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas". **D.E.L.T.A.**, vol.9, n. 1, pp. 83-103.
- VERDELHO Telmo dos Santos (1988). **As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas**. Dissertação de doutoramento em Lingüística apresentada à Universidade de Aveiro.